

Web Rádio Palafita: Quais vozes falam pelo Dique da Vila Gilda em Santos – SP?

Web Radio Palafita: which voices speak for the Vila Gilda Dike in Santos – SP?

Maria Conceição Golobovante²⁵
<https://orcid.org/0000-0001-9857-7147>

Resumo: O objetivo maior do projeto Rede de Informação Comunitária do grupo de pesquisa Mediações Telemáticas da área de Comunicação da PUC-SP, iniciado em 2017, foi implantar a web rádio Palafita na maior favela de palafitas da América Latina, o dique da Vila Gilda, localizada em Santos – SP, pela criação e produção de conteúdos de mídia livre, alternativos aos veiculados pelas mídias hegemônicas locais. O Dique é uma área periférica marcada pela cultura caiçara, dos habitantes tradicionais do litoral, formados a partir da miscigenação entre índios, brancos e negros e pela imensa quantidade de imigrantes, principalmente nordestinos, que ali se estabeleceram depois da construção das rodovias Anchieta e Imigrantes. São mais de 6 mil famílias que vivem em condição visualmente insalubre para o olhar externo, mas que, quando nos aproximamos e passamos a conviver com os moradores, percebemos quão diferente é a opinião deles a respeito do mesmo lugar. Depois de três anos de aproximação e parceria com o instituto Arte no Dique e com a Escola Estadual Francisco Meira, somente agora, nós, pesquisadores, estamos começando a, de fato, ouvir e entender as vozes, apreendendo os códigos e as poéticas vocais ali presentes. No processo de escuta da pluralidade de suas vozes, é interessante notar o quanto as vozes dominantes de traficantes e líderes políticos e religiosos, principalmente pastores, influenciam de forma implícita os códigos de comportamento e como, do ponto de vista do consumo, moradores, principalmente moradores jovens, utilizam as mesmas marcas presentes em outros territórios da cidade, onde a faixa de renda dos moradores é maior. Outro ponto em relação aos jovens é que eles entendem TV, rádio e outdoor como mídia, mas celular como tecnologia, ou seja, há uma separação clara para eles que parte do critério de qual suporte eles dominam. E é a partir do recorte da relação entre oralidade, suporte midiático móvel, território e juventude, que esse artigo (apresentação) se desenvolverá. Para entender a relação das mutações vocais dos moradores a partir da sua interação com os suportes tecnológicos da web rádio, acionaremos

²⁵ Professora doutora da área de Comunicação e Ciências socioambientais da PUC-SP. Vice líder do Grupo de Pesquisa e Extensão Mediatel (FAFICLA – PUC-SP), que atua na Comunidade do Dique da Vila Gilda, em parceria com o Instituto Arte no Dique, na cidade de Santos-SP. E-mail: mccgol@pucsp.br.

os

pensamentos de Carmen L. José, Jerusa P. Ferreira, Ivana Bentes e Jailson de Souza e Silva, entre outros autores.

Palavras-chave: oralidade midiática, rádio comunitária, educação.

Abstract: The main objective of the Community Information Network project of the PUC-SP Communication Telematics Mediation research group, which started in 2017, was to deploy Palafita web radio in Latin America's largest stilt favela, the Vila Gilda dam, located in Santos - SP, for the creation and production of free media content, alternative to those broadcast by local hegemonic media. The Dike is a peripheral area marked by the caiçara culture of the traditional inhabitants of the coast, formed from the miscegenation between Indians, whites and blacks and the immense amount of immigrants, mainly northeastern, who settled there after the construction of the Anchieta and Imigrantes highways. There are more than 6,000 families living in a visually unhealthy condition for the outside look, but when we get closer and come to live with the residents, we realize how different their opinion is about the same place. After three years of rapprochement and partnership with the Arte no Dique Institute and the Francisco Meira State School, just now, we researchers are really beginning to hear and understand the voices, grasping the codes and vocal poetics there. Gifts in the process of listening to their plurality of voices, it is interesting to note how the dominant voices of traffickers and political and religious leaders, especially pastors, implicitly influence behavior codes and how, from a consumption standpoint, residents, especially Young residents, use the same brands present in other territories of the city where the income range of residents is higher. Another point in relation to young people is that they understand TV, radio and outdoor as media, but mobile as technology, that is, there is a clear separation for them that starts from the criterion of what support they dominate. And it is from the clipping of the relationship between orality, mobile media support, territory and youth that this article (presentation) will develop. To understand the relationship of the vocal mutations of the residents from their interaction with the technological supports of web radio, we will trigger the thoughts of Carmen L José, Jerusa P Ferreira, Ivana Bentes and Jailson de Souza e Silva, among other authors.

Keywords: community, education, community radio.

Introdução

Este artigo estrutura-se em três partes: na primeira, apresenta-se o território do dique da Vila Gilda e um breve histórico daquela ocupação urbana; na segunda, apresentamos nossos movimentos de aproximação da comunidade por via do Instituto Arte no Dique e da Escola Estadual Francisco Meira, a fim de dar início ao processo de escuta da pluralidade de suas vozes, os códigos implícitos e as microdinâmicas dos poderes locais, exercidos discretamente por traficantes e líderes religiosos; na terceira, busca-se apresentar os resultados iniciais da web rádio Palafita no trabalho com jovens que começam a ter um espaço para pensar temas como mídia, tecnologia, oralidade, território e mídia, entendida como suporte inteligente midiático, extensão integrada aos seus corpos para pensarmos em termos McLuhanianos.

A

periferia de Santos tem nome: dique da Vila Gilda

A Vila Gilda faz parte do maior complexo de favelas de palafita da América Latina, com cerca de 20 (vinte) mil moradores, localizado na zona noroeste da cidade de Santos, litoral do Estado de São Paulo – Brasil. Santos é considerada uma cidade rica e com excelente qualidade de vida, mas que tem suas desigualdades pois, enquanto na região da praia, a expectativa de vida é de 81 anos, e o IDH chega a 0,84¹, na zona noroeste, onde fica a Vila Gilda, ela cai para 69 anos e o IDH para 0,65². Geograficamente, a cidade de Santos está de frente para o mar e de costas para a Zona Noroeste, onde fica o Dique da Vila Gilda e suas microcomunidades que não aparecem nos mapas oficiais: Mangue Seco, Vila Telma, Caminho de São Sebastião, Brigadeiro, Vila Pelé, Caminho São José, Caminho da Capela e Caminho da Divisa. A história do surgimento e da consolidação populacional do Dique da Vila Gilda nos dá subsídios para entender como chegamos ao quadro atual de vulnerabilidade social desse território.

O *primeiro impacto socioambiental* na Vila Gilda ocorreu na década de 1950, com a construção de um dique e de canais de drenagem pelo antigo Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS), resultando num grande aterro hidráulico em toda a extensão das margens do rio dos Bugres, com aproximadamente 3 metros de altura. Destruiu-se boa parte de sua vegetação à beira rio e toda a região do antigo manguezal, que cobria praticamente toda a zona noroeste de Santos, transformando-se em áreas públicas passíveis de ocupação por moradias (COHAB-ST, 2007).

A parte alta, denominada crista do dique, era plana, para possibilitar a entrada das máquinas na construção do dique e do canal interno de drenagem. Essa parte seca e plana do dique possibilitou as primeiras invasões, que se deram, inicialmente, a partir de 1960, em toda a crista e, posteriormente, em direção ao meio do rio, em casas sobre palafitas, causando o *segundo fator* de impacto socioambiental. Essas moradias clandestinas contribuíram para a destruição do que restou de vegetação nativa e, por não dispor de rede de coleta do esgoto, a população acaba por despejar os efluentes domiciliares diretamente nas águas desse rio.

O *terceiro fator* de agressão foi causado pela instalação do lixão municipal do Sambaiatuba, em 1965, que ocupa boa parte da margem do rio, no lado da cidade de São Vicente. Por mais de 30 anos, este foi o único depósito de lixo do município de São Vicente, recebendo cerca de 4 mil toneladas diárias. Essa verdadeira montanha de lixo não possuía qualquer sistema de tratamento do chorume (resíduo líquido que escorre da decomposição da

matéria orgânica presente no lixo), cobertura e barreira para impedir que, com o movimento das marés, as águas levassem parte desse lixo para dentro do rio (COHAB-ST, 2007)⁴.

Da década de 1960 até os nossos dias, inúmeros fatores só agravaram o adensamento populacional e a degradação ambiental do dique da Vila Gilda que, atualmente, conta com cerca de 20 (vinte) mil pessoas morando em palafitas em condição de vulnerabilidade social, sem acesso formal à infraestrutura urbana como água, eletricidade e saneamento básico. Suas demandas não são prioridade para os Poderes Públicos e só ganham algum fôlego como demanda social quando aparecerem nas pautas dos grandes veículos de comunicação regionais ou nacionais, em matérias jornalísticas que apontam a violência civil ou militar, ou tragédias como incêndios, alagamentos, exposição da miséria coletiva ou mesmo em época de campanha eleitoral e mais especificamente a poluição do rio dos Bugres.

No Dique da Vila Gilda, portanto, os problemas são muitos e sistêmicos: violência, habitações vulneráveis, muita sujeira e população com baixo poder aquisitivo e escasso acesso à educação e à saúde, e daí surge a questão: é possível enfrentar tantos problemas simultaneamente? Partimos da hipótese de que, no Brasil, a região da Baixada Santista, em especial Santos e São Vicente, é um território onde muitos dos problemas do país chegam historicamente antes: colonização, submissão dos povos nativos, deslocamento da população mais pobre para áreas vulneráveis, industrialização excludente e muito poluente, destruição da natureza primária etc., e, portanto, essa mesma região pode se transformar em lugar de **regeneração** a partir de uma abordagem também sistêmica de seus problemas, que só podem ser enfrentados com a efetiva participação de seus moradores. E é aí que a comunicação, como ferramenta, estratégia e política, pode se tornar um catalisador das demandas e vozes da comunidade, gerando um “hub” de participação para que seus problemas possam ser enfrentados, de forma que as soluções acordadas possam ganhar escala na medida em que o projeto receba investimentos. Para isso, entendemos que a parceria com o Instituto Arte no Dique, com a Escola Estadual Francisco Meira e com a comunidade são nossos trunfos para a implantação do projeto.

Os primeiros passos (e tropeços) de uma web rádio periférica

Originalmente este projeto *A potência contra-hegemônica da comunicação comunitária* foi concebido acadêmica e teoricamente no grupo de pesquisa Mediações Telemáticas, que surgiu no âmbito da Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes da

PUC-SP. As reflexões teóricas acabaram por inspirar a criação e gestão da vertente extensionista do projeto, a Rede de Informação Comunitária - REDIC a se localizar na comunidade do dique da Vila Gilda. A construção do REDIC iniciou-se com a realização de um curso de Produção Editorial Jornalística, com o objetivo de criar e manter três veículos de comunicação comunitários locais: um informativo digital, intitulado "Jornal da Maré", uma Radioweb e uma Rádio Comunitária, ambas nomeadas "Rádio Palafita". O projeto conquistou alguns editais internos de incentivo à pesquisa e extensão da PUC-SP, o que nos permitiu comprar os primeiros equipamentos e espaços digitais para o armazenamento e difusão dos conteúdos. Contudo, a recusa da concessão da frequência FM, após o encaminhamento de dois pedidos ao Ministério das Comunicações (alegou-se que já existe uma rádio dita comunitária naquele território, embora todos saibam que se trata de uma rádio que usa a frequência das rádios comunitárias, mas transmite programação comercial) e a dispersão da equipe do primeiro curso de produção editorial fizeram com que adiássemos a implantação do Jornal da Maré e da rádio FM, para priorizar a produção de conteúdos para a web rádio. Foi quando o projeto foi contemplado pelo PIPEq – Plano de incentivo à pesquisa da PUC-SP, garantindo a implementação de um servidor web em "cloudcomputing" (nuvem), pelo período de um ano, configurado com software livre Linux (evitando a dependência financeira para aquisição de softwares comerciais), além de proporcionar verba para sua configuração e manutenção técnica e aquisição de notebook, HD externo, gravadores digitais estéreos para reportagens e gravações de podcasts. O objetivo inicial era que os membros da comunidade da Vila Gilda pudessem desenvolver autonomia de gestão informativa e produzir conteúdo humanitário e de mediação de conflitos como contraponto às atividades jornalísticas e de entretenimento realizadas pela mídia hegemônica local. Nesse momento, foi oficializado o convênio interinstitucional entre a Reitoria da PUC-SP e o Instituto Arte no Dique. Foi quando iniciamos chamadas e convites à população local para virem conhecer o projeto pela mediação do instituto, mas não houve a participação esperada por nós. Daí mudamos a estratégia e investimos por três anos em produção de pesquisas de iniciação científica com os alunos dos cursos de Jornalismo e Publicidade da PUC-SP, que se deslocavam até o Dique. Foram mais de quinze alunos que se engajaram na produção de conteúdos para a web rádio Palafita, por meio de suas investigações, aprofundando nossos conhecimentos acerca da cultura, do esporte, do meio ambiente, de moradias, de história, costumes e dinâmicas das

diferentes comunidades que compõem a área do Dique²⁶. Duas das pesquisas foram premiadas e uma foi aceita no congresso da ALAIC – La Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación, realizado em outubro de 2019, na Universidade Federal Fluminense, Niterói - RJ. Agora, além das iniciações científicas, tornou-se necessário abrir outra frente de contato e convivência com a comunidade, por meio de parceria com a Escola Estadual de Ensino Médio Francisco Meira, frequentada por alunos entre 9 e 18 anos. E é ali que, atualmente, estamos mais fortemente atuando e tentando estruturar uma equipe mínima local de produção de conteúdo para a web rádio, composta até o momento por um grupo reduzido de alunos e um professor, que se voluntariaram. Notamos que, ali, há muitos talentos entre os jovens e que eles têm muitas demandas por se fazerem ouvir mas, ao mesmo tempo, existe uma expectativa, em grande parte alimentada pelo consumo midiático *mainstream*, de que só vale se engajar em iniciativas que lhes dê retorno imediato, por exemplo, eles perguntaram logo na primeira reunião se eles receberiam algum valor financeiro para participar do projeto e se havia algum youtuber famoso envolvido, o que não é o caso de nossa web rádio, e nos levou a decidir por um método mais lento, porém consistente de relacionamento com eles.

Atualmente a web rádio está acessível no site <http://www.palafita.mediatel.com.br> e tem em sua programação, além de muita música, os programetes produzidos pelos alunos das iniciações científicas já concluídas, mensagens da Pastoral da Criança e alguns programetes produzidos em parceria com o projeto de extensão da UFABC – Universidade Federal do ABC, Caminhos do Mar.

Participação e escuta: os desafios da web rádio Palafita

É fato que o projeto da web rádio Palafita está em fase inicial e ainda não se pode afirmar que se trata de um veículo de fato comunitário. Depois de três anos, ali atuando, a nossa distância geográfica em relação ao local, considerando a distância e o trânsito entre São Paulo e Santos, é um complicador, mas há também outra distância, simbólica e significativa, que é o fato de nós, pesquisadores advindos de uma universidade consagrada, dita de elite, de uma classe média alta, de um grande centro urbano cosmopolita e de uma geração de maior faixa etária, termos dificuldades e resistências internas para entender jovens de até 18 anos, alunos de uma escola pública bastante degradada, de uma região de cultura caiçara, altamente

²⁶ Quatro dessas pesquisa estão acessíveis no e-book editado pela Educ em 2019, *Graduação é lugar de pesquisa sim*, organizado por Golobovante, M.C. e Pelegrini, M. acessível no site: https://www.academia.edu/40333511/Gradua%C3%A7%C3%A3o_%C3%A9_lugar_de_pesquisa_sim

vulneráveis aos apelos contrários à nossa proposta, em uma alteridade desafiante e inquieta. Ainda estranhamos a pluralidade de vozes, e temos dificuldades para entender seus códigos e performances vocais e corporais. Contudo, nossa observação constante nos últimos três anos permitiu-nos perceber dois pontos marcantes: que existe sim uma estrutura de poder organizadora da sociabilidade local, em geral discretamente, exercida por traficantes de drogas e líderes religiosos, principalmente pastores evangélicos ligados a igrejas neopentecostais. Outro ponto se relaciona ao consumo, pois é visível moradores, principalmente os jovens, utilizarem as mesmas marcas consumidas em outros territórios da cidade, onde a faixa de renda dos moradores é maior. Note-se que não se trata de uma crítica, mas de constatação, porque se trata de um outro tipo de consumo reinventado.

Para os mais jovens o consumo é valor de distinção. É o consumo que singulariza e faz com que muitos se vejam como cidadãos, como anunciava Néstor García Canclini, faz tempo. Fora que a periferia inventa moda, roupa, cabelos da hora, música, linguagens, estéticas. Uma produção e “consumo” cultural muito além do discurso redutor do consumismo. (BENTES, p. 55, 2017)

Utilizar, desejar e compartilhar usos e conteúdos ligados a essas marcas é costume importante na sociabilidade desses jovens e demonstra não ser possível pensar educação e juventude, hoje, sem considerar a questão do consumo. Outro ponto em relação aos jovens é que eles associam TV, rádio, outdoor etc., a mídia, mas celular é tecnologia, ou seja, para eles, há uma separação clara que se baseia no critério diferenciador de qual suporte eles dominam. Além do celular, games, relógios e drones são tecnologias porque eles podem dominar a emissão, enquanto a mídia formada pelos grandes veículos é algo distante deles.

Frente a esse diagnóstico perceptivo, como pensar e refletir a relação entre oralidade, suporte midiático móvel, território e juventude?. Frente a essa alteridade radical, como traduzir a nossa proposta e nos fazer entender ao mesmo tempo que precisamos, também nós, entendê-los em sua diversidade? Daí vem a inspiração de Henri Meschonnic, traduzido por Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich, quando nos fala da Poética do traduzir e ensina:

Se queremos compreender alguma coisa a respeito da relação entre o descontínuo do signo (as noções correntes sobre a linguagem, que vem à tona) e o contínuo do fazer. Do agir na e pela linguagem, é preciso aprender, ou talvez reaprender, um modo de escutar aquilo para o qual o signo nos tornou surdos. Surdos, porque ele opera a redução da linguagem às unidades da língua. Surdos ao discurso, como atividade dos sujeitos. O que faz esta atividade não é uma antropologia da totalidade, mas uma semântica do infinito (MESCHONNIC, 2010, p. 31).

O risco da surdez é invalidar todo o trabalho. Mas o que é, de fato, a escuta? Como ser surdos controles, o rádio resultou da “própria dinâmica da cultura, no interior da semiosfera, isto é, os elementos que se tornaram constituintes dessa linguagem, anteriormente, são elementos pertencentes aos códigos matrizes, mais especificamente do sonoro e do verbal-oral” (JOSÉ, 2015, p. 2). A cultura, entendida como semiosfera, desdobra-se em códigos que se sucedem rumo à semântica do infinito supracitada. Tal perspectiva lança-nos o desafio ainda maior, pois aponta que há camadas de som a serem ouvidas, há uma cultura palimpsesta, intertextual que, ao longo das décadas, foi ali no dique da Vila Gilda se amalgamando e hoje molda e influencia as personalidades desses jovens que frequentam o Meira (como é carinhosamente chamada por eles a Escola Estadual Francisco Meira). Se o rádio é produto dessa interação semiótica, a web rádio, por seu caráter móvel, descentralizado e interativo gera potência sígnica para o meio sonoro e nos faz pensar nela como um amplificador do entrelaçamento de vozes que ali escutamos. Em tempos sombrios de ameaças múltiplas, como o atual, em que transformam-se escolas em espaços cívicos-militares, no caso do Meira, a partir de novembro haverá um PM (Polícia Militar) constantemente presente, torna-se mais urgente ainda entrar na escola e estar em relação com esses jovens para ali criar espaços ampliados para a expressão coletiva de seus talentos e desejos, espaços de exercício de cidadania e também de poder (BARBOSA; FAUSTINI; SILVA, 2012, p. 177), como a web rádio Palafita. Que ela seja o território de suas performances vocais, desejos simbólicos e imaginários, brecha de resistência ao normatismo imposto aos jovens pelo neoliberalismo.

Referências

ARMANI, Domingos. **Mobilizar para transformar**. São Paulo: Peirópolis; Recife: Oxfam, 2008.

BAITELLO JR., Norval. **A era da iconofagia**: ensaios de comunicação e cultura. São Paulo: Hacker, 2005.

BARBOSA, Jorge Luíz.; FAUSTINI, Marcus Vinícius; SILVA, Jaílson de Souza e. **O novo carioca**. Rio de Janeiro: Mórula, 2012.

BARBROOK, Richard. **Futuros Imaginários**: das máquinas pensantes à aldeia global. São Paulo: Peirópolis, 2010.

BENTES, Ivana. A periferia não é binária. **Revista Cult**, 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/a-periferia-nao-binaria/>> Acesso em: 12 out. 2019.

BENTES, Ivana Redes Colaborativas e Precariado Produtivo. **Revista periferias**, São Paulo, v.1, n. 1, 2017.

CASTRO, Maria Céres P. S.; MAIA, Rousiley (org). **Mídia, esfera pública e identidades coletivas**. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical**. São Paulo: SENAC, 2004.

EVERINGHAM, Cristine. **Social justice and the politics of community**. Hants (UK): Ashgate, 2003.

FERRARI, Pollyana. **A Comunicação digital na era da participação**. Porto Alegre: Editora Fy, 2016. Disponível em: <http://media.wix.com/ugd/48d206_ca7f094fcf1d441d9cc695d612031e26.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2022.

HENRIQUES, Márcio Simeone (org.). **Comunicação e estratégias de mobilização social**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

JOSÉ, Carmen Lúcia. **Voz e roteiros radiofônicos**. São Paulo: Paulus, 2016.

JOSÉ, Carmen Lúcia. Estruturas do Documentário Radiofônico: Padrão e Desviante. **Revista NHENGATU - revista ibero-americana para comunicação e cultura contra-hegemônicas**. São Paulo: PUC-SP, v. 2, n. 3, 2015. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/nhengatu/article/view/34257/23538>> Acesso em: 15 out. 2019.

LUEMANN, Marina (coord.); PALLAMIN, Vera (org.). **Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

MANDELBAUM, Seymour J. **Open moral communities**. Cambridge, Massachusetts: MIT, 2000.

MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo, Perspectiva: 2010.

SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio: oralidade mediatizada. O spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**. Petrópolis: Vozes, 2006.

ZAPPELINI, M. et al. **Comunicação: visibilidade e recursos para projetos sociais**. São Paulo: Zeppelini/Sebrae, 2011.

[Recebido: 10 abr 21 - Aceito: 20 jun 22]